

Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

A acumulação por espoliação:
o Imperialismo na América Latina na contemporaneidade

Octávio Alvarenga de Souza

Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Rio Claro (SP)

2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

OCTÁVIO ALVARENGA DE SOUZA

A ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO: O IMPERIALISMO NA
AMÉRICA LATINA NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em
Geografia.

Rio Claro - SP
2025

S729a

Souza, Octávio Alvarenga de

A acumulação por espoliação : o Imperialismo na América Latina na contemporaneidade / Octávio Alvarenga de Souza. -- Rio Claro, 2025

36 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

Orientador: Paulo Roberto Teixeira de Godoy

1. Imperialismo. 2. América Latina. 3. Acumulação por espoliação.
I. Título.

OCTÁVIO ALVARENGA DE SOUZA

A ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO: O IMPERIALISMO NA AMÉRICA LATINA NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em
Geografia.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy (orientador)

Prof. Me. Jonathan Ferreira

Prof. Me. Leandro Di Genova Barberio

Rio Claro, 03 de dezembro de 2025.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Cláudio e Vanessa, por terem gerado todas condições materiais e imateriais, desde a infância, que me permitiram ingressar em uma universidade pública e permanecer até concluí-la. Sem o incentivo e o apoio de vocês, eu não chegaria aqui. Vocês são parte fundamental desta conquista e serão sempre o meu exemplo de integridade e o meu porto seguro.

Às minhas irmãs, Heloísa e Isadora, com quem sempre dividi as alegrias e as aflições. A saudade diária não foi empecilho para nosso amor. Essa conquista também é de vocês. Espero, em alguma medida, ter mostrado a vocês a importância de trilhar os caminhos da Ciência e da Universidade Pública.

Ao professor e orientador Paulo Godoy, com quem caminhei ao longo da Iniciação Científica e no Trabalho de Conclusão de Curso. Nesta relação aluno-professor, em que iniciei minha trajetória na Geografia Crítica, aprendi que a prática do geógrafo deve ser, antes de qualquer coisa, política, contra as injustiças da sociedade capitalista.

Ao Centro Acadêmico dos Estudantes de Geografia “29 de maio”, entidade na qual me formei militante e vivi as experiências mais significativas da minha graduação, especialmente compondo as chapas “Larissa Mies Bombardi” e “PRESENTE”. Aqui, construí a luta em defesa de uma educação pública, gratuita e de qualidade.

À Letícia Braga. Sua chegada no decorrer dessa caminhada transformou a vida e deixou tudo mais leve. A nossa jornada na graduação, movimento estudantil e outras atividades acadêmicas despertaram o amor em mim. Obrigado por ter sido a minha família em Rio Claro e por sonhar a vida comigo.

Aos meus amigos de escola e pré-vestibular Amanda, Ana Júlia, Gustavo, João Vitor, Isadora, Lucas, Mylena e Pedro. Obrigado por terem celebrado comigo o ingresso na universidade e por também estarem presentes no encerramento desse ciclo.

Aos meus amigos que fizeram parte desta jornada, vivenciando o dia a dia da universidade: Annebelle, Guilherme, Jandson, João Vitor, Júlia e Thamiris. Obrigado por terem feito parte de todo esse percurso e terem sido tão importantes nas trocas de afeto, experiências e conhecimentos. Com vocês foi mais leve.

Aos meus colegas de curso, com quem dividi o laboratório Geomundi e o Grupo de Estudos Café Geográfico, Jonathan Ferreira, Leandro Lino dos Santos e Renan Yamasaki. As primeiras referências que tive dentro do curso, companheiros de luta e tiveram contribuições fundamentais na minha jornada enquanto pesquisador.

Ao Prof. Dr. Diego Corrêa Maia pela amizade e carinho nutridos ao longo da convivência no Departamento, dos eventos em que participamos juntos e nos bares. A sua postura enquanto docente é exemplo e me faz acreditar que é possível transformar as relações aluno-professor em relações de afeto e companheirismo.

À Rita, Gil e Bira, funcionários do Departamento de Geografia e Planejamento Ambiental, pela amizade do dia a dia, por toda a prestatividade ao longo dos anos e por todas as contribuições para que eu pudesse exercer com êxito as atividades acadêmicas.

Ao Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro e à Biblioteca da Unesp de Rio Claro, instituições em que tive o privilégio de ser estagiário e bolsista, respectivamente. Não coloco em palavras quão rica foi a minha passagem pelas instituições, bem como o convívio com cada um dos funcionários. A partir do trabalho, me tornei um ser humano melhor.

“A história de todas as sociedades que já existiram é a história da luta de classes.”

Karl Marx e Friedrich Engels

RESUMO

Este Trabalho de Graduação pretende tecer reflexões em torno das características e dos mecanismos de acumulação de capital utilizados pelo Imperialismo na América Latina a partir da década de 1990. Caracterizado pela formação de monopólios e pelo predomínio do sistema financeiro em detrimento da produção, o Imperialismo é considerado o estágio mais desenvolvido do modo de produção capitalista e passa, nesse contexto, a representar os interesses dos Estados Unidos da América que se valem da lógica capitalista de poder. Essa nação se coloca como a responsável por levar paz e desenvolvimento aos mais diversos povos, de todo o globo, utilizando de ferramentas políticas, econômicas e culturais. Num contexto de ascensão do neoliberalismo, articulam-se com agentes financeiros internacionais, que oferecem apoio às economias periféricas em troca de maior abertura das economias para o capital internacional. Dessa forma, os ciclos de espoliação e valorização máxima do capital se concretizam a partir da expropriação de terras, retirada de direitos e rebaixamento da força de trabalho. Consequências diretas desses fenômenos são o aprofundamento das desigualdades socioespaciais e o aprofundamento da divisão internacional do trabalho.

Palavras-chave: Imperialismo; América Latina; Acumulação por espoliação; Lógica capitalista do poder.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to reflect on the characteristics and mechanisms of capital accumulation used by imperialism in Latin America since the 1990s. Characterized by the formation of monopolies and the dominance of the financial system to the detriment of production, imperialism is considered the most developed stage of the capitalist mode of production and, in this context, represents the interests of the United States of America, which uses the capitalist logic of power. This nation positions itself as responsible for bringing peace and development to the most diverse peoples across the globe, using political, economic, and cultural tools. In a context of rising neoliberalism, they collaborate with international financial agents, who offer support to peripheral economies in exchange for greater openness to international capital. Thus, the cycles of plunder and maximum capital valorization are concretized through the expropriation of land, the withdrawal of rights, and the debasement of the labor force. Direct consequences of these phenomena are the deepening of socio-spatial inequalities and the deepening of the international division of labor.

Keywords: Imperialism; Latin America; Accumulation by spoliation; Capitalist logic of power.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
OBJETIVOS.....	12
Objetivo geral.....	12
Objetivos específicos.....	12
1 O IMPERIALISMO CAPITALISTA ONTEM E HOJE: SUAS TRANSFORMAÇÕES.....	13
1.1 O Imperialismo nas conceituações clássicas.....	13
1.2 O novo formato do Imperialismo.....	15
2 A ACUMULAÇÃO DE CAPITAL: DA ACUMULAÇÃO PRIMITIVA À ESPOLIAÇÃO.....	21
2.1 A passagem do feudalismo para o capitalismo.....	21
2.2 A acumulação via espoliação.....	23
3 O ESCOAMENTO DE CAPITAL: A CHEGADA À AMÉRICA LATINA.....	26
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como proposta realizar um debate acerca do Imperialismo e a acumulação por espoliação na América Latina, nas décadas de 1990 e 2000. A escolha por este recorte de tempo se deve ao fato de que é nesse contexto em que o debate crítico acerca do Imperialismo se consolida nos países chamados de “terceiro mundo”.

Encaramos o Imperialismo em sua forma capitalista, que para o intelectual maxista Lênin (2021) é o mais elevado estágio de desenvolvimento deste modo de produção. Nesse momento da história podemos observar que a livre concorrência deixa de ser o motor da produção capitalista, dando lugar a formação de monopólios. Agora, uma porção muito pequena de capitalistas controlam o sistema financeiro e a produção industrial, podendo, inclusive, estarem associados.

Se dos tempos de Marx para os de Lênin o capitalismo se transformou, o mesmo ocorreu dos tempos de Lênin para o final do século XX, portanto há a necessidade de uma revisão do conteúdo de forma que seja possível identificar novos elementos condizentes com a realidade atual. O Imperialismo pós queda do Muro de Berlim e fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas apresenta características diferentes, incluindo o seu agente hegemônico. Por isso a pertinência de trabalhar autores mais recentes que também estudem, conceituem e caracterizem o Imperialismo nesta fase.

Com o fim da URSS e o colapso da ordem mundial pós-guerra, há o prevaecimento de uma unipolaridade, com um sistema internacional liderado pelos Estados Unidos da América. Os EUA são a principal força política, econômica e militar hegemônica. O modelo apresentado por esta nação é colocado como vital para o crescimento econômico de outras nações. Nesse cenário, o que se observa é um forte entrelaçamento entre a esfera pública e o modelo político econômico em vigência: o neoliberalismo. Para Boron (2007), o contexto é caracterizado por um agravamento da dependência externa, da erosão da soberania nacional dos estados e submissão ao Imperialismo por parte dos países da América Latina.

Vale destacar que o novo Imperialismo traz consigo uma nova força hegemônica; um novo império: os EUA. Este é posto como um modelo vital para um grande crescimento econômico (a nível internacional ou mundial). No centro do comando, temos os grandes monopólios, governos e estados de países

industrializados. Somado a eles, encontram-se as instituições que têm papel decisivo na regulamentação dos fluxos econômicos mundiais: FMI (Fundo Monetário Internacional), BM (Banco Mundial), OMC (Organização Mundial do Comércio) e outras. As regras são as do neoliberalismo global, ditadas pelos EUA, impostas coercitivamente.

Diante dessa situação, os países desenvolvidos, com capital sobreacumulado, precisam encontrar uma saída para resolver seu problema. Os países do “terceiro mundo”, sobretudo a América Latina, são territórios com mão-de-obra mais barata e um novo mercado para escoamento da produção capitalista. A partir disso, o capital internacional passa a atuar nesses países através de diversos mecanismos liderados pelos EUA, promovendo os ajustes necessários e que dão continuidade ao ciclo de acumulação de capital. Esse processo, que retroalimenta o capitalismo, é chamado por Harvey (2004) de acumulação por espoliação.

Além disso, para fazer uma discussão geográfica acerca do Imperialismo, é necessário levar em conta os desdobramentos da teoria do valor e da teoria da acumulação de Marx. O “retorno” à análise sobre a teoria marxista, sobre a Geografia do Imperialismo deve ser aqui compreendido como um reconhecimento das práticas renovadas do Imperialismo em suas manifestações econômicas, políticas e ideológicas. Para isso, deve-se ter como categorias que orientam essa perspectiva geográfica as condições de luta de classes colocando o confronto extração de mais-valor e a divisão social e territorial do trabalho (Godoy, 2016).

Deste modo, esse projeto pretende trazer contribuições para o debate e entendimento da forma com que se dá esta modalidade de acumulação [por espoliação] na América Latina. Com isso, este debate será realizado a partir da leitura e análise à luz de autores que vêm debatendo essas questões na contemporaneidade. Além disso, visando apresentar maior empiricidade, apresentamos alguns casos que nos permitem compreender a partir da realidade material, o que são os processos de espoliação e as consequências no território.

A construção deste trabalho se dá em consonância com o que Hernández (2016) coloca como os três princípios qualitativamente distintos, mas que constituem a unidade em que se estabelece a práxis científica: a preocupação ética frente à injustiça social; a atitude antidogmática frente às estratégias epistemológicas vigentes; e a atividade prática revolucionária que buscar intervir e transformar a realidade. São três princípios constitutivos da criticidade. Ou seja, é necessário que

se encare esse debate de maneira que vise a identificação, bem como a superação, das contradições presentes na sociedade capitalista.

A partir disso, então, é que se dá a escolha dos referenciais teóricos que subsidiam as reflexões que serão feitas nas seções seguintes. Além da formação de um arcabouço teórico-metodológico de filiação mais voltada ao materialismo histórico e dialético, há a preocupação com a escolha de pensadores que tenham em sua trajetória a militância política. Justamente por acreditar que a teoria e a prática devem estar unidas e formar um entrelaçamento capaz de gerar movimento para transformação da sociedade.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Identificar e analisar as principais categorias utilizadas pelos autores clássicos e contemporâneos do debate sobre Imperialismo, destacando em que pontos convergem e divergem em suas interpretações.

Objetivos específicos

- a) Caracterizar o Imperialismo e identificar alterações sofridas pelo mesmo ao longo da história;
- b) Trabalhar o conceito de “acumulação por espoliação” a partir do conceito de “acumulação primitiva”;
- c) Identificar processos políticos, econômicos e sociais que se deram em territórios latino-americanos e se caracterizam como processos de espoliação.

1 O IMPERIALISMO CAPITALISTA ONTEM E HOJE: SUAS TRANSFORMAÇÕES

O presente capítulo foi construído com a finalidade de apresentação do Imperialismo, principal categoria a ser debatida neste trabalho. Para tal, está separado em dois momentos distintos. Na primeira subseção, serão realizadas conceituação e caracterização clássica do Imperialismo, definido por autores do início do século XX.. Na segunda, serão trabalhados aspectos do novo formato imperialista, característico do final do século XX e que se estende para o início do século XXI.

1.1 O Imperialismo nas conceituações clássicas

Ao longo do curso da história, as sociedades se desenvolveram de diversas formas, com distintas características, existindo diversas formas consideradas imperialistas. Observa-se que

Tem havido muitos tipos diferentes de império (romano, otomano, chinês imperial, russo, soviético, austro-húngaro, napoleônico, britânico, francês etc.). A partir desse heterogêneo grupo, podemos concluir com facilidade que há considerável espaço de manobra quanto ao modo de conceber, administrar e implantar ativamente o império. (Harvey, 2004, p. 15)

É possível apreender, então, que existiram formas imperialistas que não eram capitalistas e também formas capitalistas que não são imperialistas.

O que interessa à construção deste trabalho, é a forma capitalista do Imperialismo, que para Lênin (2021), possui cinco aspectos que são fundamentais à definição do mesmo:

1) a concentração da produção e do capital elevada um patamar tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenha um papel decisivo na vida econômica; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação baseada nesse “capital financeiro”, da oligarquia financeira, 3) a exportação de capital, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire um significado particularmente importante; 4) a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas, que dividem o mundo entre si, e 5) o término da partilha territorial do mundo entre as grandes potências capitalistas (Lênin 2021, p. 114)

O autor define o Imperialismo como etapa (ou estágio) superior (ou avançado) do capitalismo. Nesta fase, o capitalismo adquire como principal característica a formação de monopólios, com predomínio do capital financeiro. Observa-se,

portanto, uma alteração na lógica de funcionamento deste modo de produção: o capitalismo deixa de ser essencialmente concorrencial e adquire caráter que é o exato oposto disso, a combinação entre capitais.

[...] o capitalismo tornou-se imperialismo capitalista apenas quando chegou a um determinado estágio, muito elevado, de seu desenvolvimento, quando algumas de suas características fundamentais começaram a se transformar no seu oposto, quando ganharam corpo e se manifestaram em toda a linha os traços da época de transição do capitalismo para uma estrutura econômica e social mais elevada. Economicamente, é fundamental nesse processo a substituição da livre-concorrência capitalista pelos monopólios capitalistas. (Lênin, 2021, p. 113)

O monopólio é, aqui, enxergado como a fase mais recente do capitalismo, é a etapa mais desenvolvida do mesmo. E sua força real e o seu significado só podem ser compreendidos a partir de uma análise do papel exercido pelo sistema financeiro/bancos. Agora, estes deixam de ser apenas intermediários e passam a ser monopolistas que constituem o processo de evolução do capitalismo para imperialismo capitalista, concentrando a atividade bancária. Os bancos maiores, em tendência muito semelhante às indústrias, concentram em si a maior parte do capital, de modo com que incorporem, ou subordinem, os pequenos, incluindo-os em seu capital e em seus sistemas de compra, troca, relações de dívidas, etc. A partir disso, eles convertem o capital monetário inativo em ativo, ou seja, ele passa a ter rendimento, deixando-o disponível aos capitalistas.

Evidencia-se um aumento expressivo na concentração de bancos e organizações ligadas ao sistema financeiro. Essa concentração se dá de forma que um número enorme de empresas descentralizadas tornam-se agora centralizadas em uma única empresa capitalista nacional e, em seguida, mundial. Logo, a concentração do capital e o crescimento do volume de negócios por parte dos bancos modificam a importância deles. Ao passo que um banco movimenta as contas correntes de vários capitalistas, é como se o banco realizasse uma operação meramente técnica, entretanto, quando essa operação cresce e toma níveis gigantescos.

O resultado é que um número pequeno de monopolistas passa a controlar as operações comerciais e industriais da sociedade capitalista: conhecem com exatidão as condições dos negócios. Os bancos têm poder de controle através do aumento ou diminuição da linha de crédito e também podem determinar inteiramente o seu

destino, determinando sua renda, privando-os de capital ou dando possibilidade de aumentá-lo.

Nesta fase do capitalismo, dominado pelos monopólios e pelo sistema financeiro, a política internacional correspondente é de busca pela expansão, pela partilha econômica e política do mundo. A partir disso, se formam diversas formas de dependência. Os países podem até ser independentes politicamente falando, entretanto, na prática, fazem parte de um emaranhado nas teias de dependência financeira e econômica.

Essas são as características do Imperialismo descritas por Lênin, no início do século XX, no contexto da Revolução Russa, derrubada do czarismo e ascensão do regime socialista no país. Nesse período histórico, a grande potência imperialista era a Inglaterra (com enorme poderio militar, precursora do desenvolvimento industrial mundial e dominante do sistema financeiro global), de modo que seu exercício do imperialismo dizia respeito, principalmente, à expansão territorial e guerras. Com o avanço do século XX, sobretudo no contexto pós 2ª Guerra Mundial, quem passa a exercer o domínio imperialista são os EUA. Com novo *modus operandi*, o exercício do domínio passa a ser com políticas econômicas, culturais e sociais.

1.2 O novo formato do Imperialismo

Avançando, em razão de o modo de produção capitalista ser altamente mutável e revolucionar-se a si mesmo (Marx; Engels, 2011), a análise do Imperialismo que está em curso nos dias atuais não deve ser feita com as mesmas lentes. A definição de imperialismo é variável de acordo com o tempo, já que a prática imperialista acompanha as mudanças do capital mundial (Vesentini, 2003). Logo, sua definição deve estar em constante mudança, em constante processo de redefinição. Por isso, a necessidade de continuar a produção acadêmica em torno desta temática, colocando os autores clássicos em debate com autores mais recentes sobre o assunto, de forma a trazer novas lentes para se analisar esse tema.

O geógrafo estadunidense David Harvey (2004), é um grande expoente dos estudos recentes sobre o chamado “Novo Imperialismo”. Mas, afinal, o que tem de novo? Como esse formato de exploração se difere dos demais, principalmente ao Imperialismo clássico, caracterizado na subseção anterior? Qual a grande potência imperialista?

Para início dessa diferenciação, nos apoiamos no que o economista italiano Giovanni Arrighi trabalha em *“Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI”*, retomando conceitos de outras obras de sua autoria: lógica territorial e lógica capitalista do poder. Colocar esses dois conceitos em debate neste trabalho potencializa a compreensão sobre o fenômeno analisado.

A lógica territorial do poder diz respeito à política de Estado e de império, em que são traçadas estratégias políticas, diplomáticas e militares com a finalidade de fazer valer os interesses e objetivos de um determinado Estado (Arrighi, 2008). Portanto, para o autor “o controle do território e de seus recursos humanos e naturais constitui a base da busca de poder” (Arrighi, 2008, p. 221-222).

Enquanto isso, a lógica capitalista de exercício do poder se dá baseada nos processos moleculares de acumulação de capital no espaço e no tempo (Arrighi, 2008), ou seja, se relaciona com o fluxo de poder econômico. Nessa perspectiva, o controle do capital econômico constitui a base do poder. Portanto o domínio imperialista de uma nação sobre outra se dá a partir de práticas cotidianas da produção (comércio, trocas, especulação, fluxos culturais, etc).

O que antes era exercido pelo Estado inglês, com o domínio territorial através de forças militares, agora se transforma em domínio político e imposições econômicas advindas dos EUA. Vejamos, que conforme Arrighi (2008), as duas lógicas de exercício do poder coexistem e em muitos momentos se complementam. O que diferencia esse novo momento, é que “o que distingue o imperialismo capitalista de outras concepções do império é que nele predomina tipicamente a lógica capitalista” (Harvey, 2004, p. 36).

Nesse sentido, a referida nação passa a exercer hegemonia. Para compreensão daquilo que chamamos de hegemonia, apoiamo-nos no cientista político argentino Atílio Boron, que afirma que a mesma

Trata-se de um conceito multidimensional: em primeiro lugar, significa uma “direção intelectual e moral”, um verdadeiro “sentido comum” civilizatório que reverbera e se dissemina por todos os rincões do sistema hegemônico e impregna a ideologia e a cultura das sociedades nacionais ao longo do planeta. (Boron, 2007, p. 520)

Entende-se, ainda, a partir da leitura do autor, que o exercício do *hegemon* é composto por um fator chamado direção política, ou seja, é a capacidade que uma potência hegemônica tem de assegurar obediência e disciplina dentro daquele conjunto de nações que estão em sua órbita de influência, de maneira que os seus

interesses sejam sempre os privilegiados. Junto disso, deve-se haver uma capacidade coativa por parte da potência hegemônica, ou seja, é necessário existir uma superioridade militar.

Para Harvey (2004), ser, de fato, hegemônico, em um sentido global envolve o uso da postura de liderança para criar um jogo de soma não zero, ou seja, de poder coletivo, e que todas as partes se beneficiam, seja em termos de ganhos mútuos advindos de suas próprias interações (como as trocas comerciais) ou do aumento do poder coletivo diante da natureza, mediante criação e transferência de tecnologias, por exemplo.

Liderança, por outro lado, designa “o fato de um Estado dominante conduzir o sistema de Estados numa direção desejada e, ao fazê-lo, ser majoritariamente percebido como voltado para a promoção de um interesse geral. A liderança nesse sentido aumenta o poder do Estado dominante”. (Arrighi, Silver apud Harvey, 2004, p. 39)

O poder do *hegemon* é derivado de um equilíbrio dialético e contraditório entre coerção e consenso, e se exprime por meio desta relação. O consentimento é entendido quando se enxerga que a postura dos EUA torna plausível a outros países a alegação de que eles agem em favor do interesse geral, ainda que muitos suspeitem que sua ação seja motivada por interesses próprios.

Ademais, ressalta-se que a questão hegemônica não pode ser reduzida à superioridade econômica de uma potência, tampouco ao seu predomínio militar. Deve-se colocar as duas coisas como fundamentais: sólido funcionamento material e capacidade coercitiva constituem condições necessárias - embora não suficientes - da hegemonia. Isso pode ser comprovado quando analisamos as lógicas territorial e capitalista do poder apresentadas por Arrighi (2008), inclusive com o exemplo da Guerra do Vietnã, que o autor apresenta a fim de elucidar melhor os conceitos e a forma contraditória com que se relacionam.

Com a queda da União Soviética e o fim da disputa entre EUA e URSS pela hegemonia política, econômica e militar, o imperialismo tornou-se a expressão do imperialismo norte-americano. Essa expressão é dotada de alta capacidade de subordinação dos rivais que poderiam se interpor no caminho, ditando uma clara e contundente hegemonia. Essa postura pode ser expressa apreço pelo investimento no setor bélico e militar por parte dos estadunidenses, já que

O papel único e indispensável que os Estados Unidos adquiriram relaciona-se intimamente com sua condição de única superpotência militar

do planeta, cujo gasto em armamentos equivale praticamente ao do resto das nações. Os Estados Unidos dispersaram pouco mais de 750 bases e missões militares em 128 países, uma máquina de guerra sem paralelo na história da humanidade e baluarte final para a defesa do sistema imperialista mundial. (Boron, 2007, p. 510)

A postura apresentada por governos estadunidenses evidencia, portanto, a necessidade de articulação entre o poder político (e suas ferramentas, como a força militar) e o poder econômico.

Somamos à discussão um ponto muito importante para análise e compreensão do Imperialismo estadunidense é o surgimento de novos instrumentos de dominação. Por exemplo, FMI, OMC e BM, que se tornaram extensões da Casa Branca (Boron, 2007).

Vemos, portanto, uma faceta do imperialismo que está altamente associado ao poder público. As organizações supracitadas, conduzem os processos de neoliberalização e financeirização das economias de todo o globo, sobretudo os países subdesenvolvidos, fazendo com que elas representem os interesses imperialistas. Ainda, para Boron (2007), são essas organizações que com muita brutalidade, e ao mesmo tempo vestindo-se de uma “luva de pelica”, promovem as políticas governamentais que facilitam o controle do capital imperialista sobre as economias periféricas.

O Imperialismo descobriu o que para Boron (2004) tem função letal: a formação de quadros com capacidade intelectual que atuam nas referidas instituições financeiras globais. Os EUA perceberam que

El endeudamiento externo y las condiciones de la banca multilateral controlada por el imperialismo son instrumentos de dominación mucho más eficaces que los empleados en el pasado. Los ejércitos de ocupación son necesarios en circunstancias muy puntuales –como en Irak, por ejemplo– pero la rutina de la opresión imperialista puede prescindir de ellos en el día a día. Gobiernos dóciles, medios de comunicación controlados por los monopolios y convertidos en simples usinas propagandísticas, sociedades civiles desmovilizadas y desmoralizadas, y políticos corruptos son mucho más útiles que los pelotones de marines o los helicópteros Apache. Si en el pasado para imponer las políticas del imperialismo se requería de golpes de estado y dictaduras militares, en la América Latina de hoy esa tarea la hacen gobiernos “democráticos” surgidos del voto popular y que hicieron un culto de la traición y la mendacidad. Por último, la ocupación territorial se ha vuelto redundante toda vez que mediante los procesos de apertura comercial, privatizaciones y desregulación las economías sometidas al imperialismo son más dependientes que nunca sin necesidad de disparar un solo tiro o desplazar un solo soldado. (Boron, 2004, p. 75).

O trecho acima evidencia com maestria a mudança de lógica de exercício do poder. As ferramentas de dominação econômica são tão eficientes quanto as

militares/territoriais. São colocadas em curso com o apoio do poder público local. Reforçamos, também, que embora as ocupações militares sejam menos recorrentes, ainda podem acontecer; ainda são ferramentas úteis.

Além disso, a potência estadunidense tornou-se dominante no terreno da circulação de ideias pelo mundo, formando uma imagem de si mesmo, que a coloca como “xerife do mundo”, conforme caracterizado por Hardt e Negri (2010). Os EUA assumem papel de protetor do mundo, colocando em prática uma política de forte tradição de imperialismo, mas que se veste com uma roupagem antiimperialista (Hardt; Negri, 2010). A dominação, então, se dá através da dominação cultural, impondo às demais nações ideias e valores que são particulares deles. Afinal de contas

Somos uma nação “indispensável” e “insubstituível” - como diria mais de uma vez Madeleine Albright, a Secretária de Estado do “progressista” governo de Bill Clinton -, um tipo de império benévolo que nem oprime nem explora, mas sim corta os sete mares para libertar os povos das correntes do atraso e da opressão e semear o livre comércio e a democracia. (Boron, 2007, p. 503)

E é justamente para que o mundo se convença disso, que há um investimento massivo em propaganda para que seja projetada a imagem “falsa até a medula, do sistema e de suas supostamente ilimitadas capacidades para satisfazer todas as aspirações materiais e espirituais da humanidade.

Os EUA, então, se colocam enquanto nação que vai levar democracia, liberdades e progresso mundo afora. Seriam eles os únicos capazes de oferecer a paz, a tolerância e o desenvolvimento que nenhum outro país é capaz. Este discurso, talvez não seja uma declaração formal de império, mas sugere intenções imperiais (Harvey, 2004). As consequências políticas desta realidade são profundas e de longa vida” (Boron, 2007, p. 511).

O Imperialismo, então, se altera ao longo da história. Cria novas roupagens para que seja possível dar continuidade aos ciclos de valorização do capital privado e também de sua própria expansão, característica fundamental desse modo de produção. Nesse contexto, os grandes monopólios internacionais chegam ao centro de comando, fazendo com que exista muito em comum entre a antiga e a “nova” lógica de exploração capitalista. A predação, bem como “a permanente e implacável sucção de excedentes a partir da periferia assim como a continuidade dos atores

fundamentais do sistema imperialista, suas instituições, normas e procedimentos” (Boron, 2007, p.515).

A conceituação, caracterização e análise do Imperialismo não se esgota aqui. Há, ainda, uma vasta quantidade de possibilidades de caminhos a serem trilhados para a compreensão desse fenômeno que faz parte do cotidiano dos mais variados povos. Contudo, os elementos aqui abordados são pontos-chave para o entendimento do que se pretende trabalhar nas próximas seções: a acumulação por espoliação e a inserção do Imperialismo na América Latina.

2 A ACUMULAÇÃO DE CAPITAL: DA ACUMULAÇÃO PRIMITIVA À ESPOLIAÇÃO

A partir da construção do capítulo anterior, apreende-se que o capitalismo está em constante transformação e expansão. Portanto, para discorrer sobre os processos de acumulação por espoliação característicos do Imperialismo cotidiano, faz-se necessário retornar à acumulação primitiva de capital, descrita por Marx e que diz respeito à passagem do modo de produção feudalista para o capitalismo.

Para tanto, construímos o presente capítulo de forma que na primeira subseção é brevemente apresentado o conceito de acumulação primitiva de capital (Marx, 1985) e na subseção seguinte, a ideia da acumulação via espoliação (Harvey, 2004).

2.1 A passagem do feudalismo para o capitalismo

O filósofo e militante alemão Karl Marx, em sua obra *O Capital* traz luz à discussão sobre os processos políticos e econômicos que fizeram parte da transição do feudalismo para o capitalismo na Europa, no decorrer do século XVI. A chamada acumulação primitiva, cirurgicamente associada ao “pecado original na teologia” (Marx, 1985, p. 829) é o processo fundante do capitalismo. Para o autor, é o ponto de partida deste modo de produção que surge. “A chamada acumulação primitiva é apenas o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção. É considerada primitiva porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção capitalista” (Marx, 1985, p. 830).

No curso deste fenômeno, que é político e econômico ao mesmo tempo, é que se dá o processo de expropriação dos servos feudais, tornando esses despossuídos dos recursos que eram necessários à sua sobrevivência e à sua reprodução. São dadas, então, as condições mais elementares da produção capitalista:

de um lado, o proprietário de dinheiro, de meios de produção e de meios de subsistência, empenhado em aumentar a soma de valores que possui, comprando a força de trabalho alheia, e, de outro, os trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, portanto, de trabalho (Marx, 1985, p. 829).

Marx continua, ainda, afirmando que a separação entre trabalhador e suas condições de trabalho é o que dá origem ao processo de acumulação capitalista - fenômeno que tende a se reproduzir em escala crescente.

O sistema capitalista pressupõe a dissociação entre os trabalhadores e a propriedade dos meios pelos quais realizam o trabalho. Quando a produção capitalista se torna independente, não se limita a manter essa dissociação, mas a reproduz em escala cada vez maior. O processo que cria o sistema capitalista consiste apenas no processo que retira ao trabalhador a propriedade de seus meios de trabalho, um processo que transforma em capital os meios sociais de subsistência e os de produção e converte em assalariados os produtores diretos. (Marx, 1985, p.)

Esse é, então, o “pecado original da economia” (Marx, 1985, p. 829). Por causa dos processos supracitados é que passam a existir duas classes distintas, com posses distintas. Uma elite que acumulou riquezas e uma população despossuída de qualquer bem que não seja sua própria força de trabalho. Uma grande massa pobre e uma parcela muito pequena da população que tem sua riqueza aumentada pelo trabalho dessa maioria desprovida dos meios de produção.

É de importante ressaltar que esse processo não se dá de maneira uniforme por toda a Europa. Ao analisar o modo de produção feudalista, sua queda e posterior ascensão do capitalismo, observa-se que, o processo de derrocada dos senhores feudais e ascensão da burguesia acontece de maneiras distintas. Marx produz sua análise, sobretudo, a partir de uma do fenômeno ocorrido na Inglaterra, que é considerada a forma clássica de transição e separação da sociedade em classes distintas no capitalismo: burguesia e proletariado.

É válido, ainda, ponderar que a sociedade burguesa moderna não aboliu os antagonismos das classes; o que ela faz é “estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas” (Engels; Marx, 2011, p. 11).

Ao longo do vigésimo quarto capítulo d'O Capital, Marx discorre ainda sobre diversos dispositivos políticos e econômicos que permitiram e regulamentaram à expropriação de terras e direitos dos trabalhadores. Estes, por sua vez, viram-se cada vez mais sujeitos à exploração dessa classe burguesa recém formada e que ascendia ao poder. Também, trata sobre os processos que fizeram com que as terras e ferramentas acumuladas e apropriadas pela elite tornassem capitais, possibilitando o estabelecimento desses enquanto grupo dominante.

Dessa forma, conclui-se que a estrutura econômica da sociedade capitalista tem sua origem na estrutura da sociedade feudal, uma vez que “a decomposição desta, liberou elementos para a formação daquela” (Marx, 1985, p. 29).

2.2 A acumulação via espoliação

Conforme é apontado por Marx e descrito na subseção anterior, a acumulação primitiva de capital é o processo que condiciona o surgimento do modo de produção capitalista; é o seu ponto de partida.

Somando forças ao debate em torno do Imperialismo e os processos de acumulação de capital característicos desta fase do capitalismo, Rosa Luxemburgo (1985) destaca que a dinâmica de acumulação carregada de violência é, na realidade, um processo constante e fator determinante à dinâmica do desenvolvimento capitalista.

Contudo, a autora defende ainda que o ciclo de acumulação não pode se dar inteiramente dentro das formas capitalistas produtoras de mais-valia, num “trânsito interno”; é necessário que haja formas não capitalistas para que o ciclo se dê de maneira completa, seguindo a tendência natural do modo de produção capitalista de se expandir o máximo que puder.

Se o capitalismo, portanto, vive de formas econômicas não capitalistas, vive, a bem dizer, e mais exatamente, da ruína dessas formas. Necessitando obrigatoriamente do meio não-capitalista para a acumulação, dele carece como meio nutriente, à custa do qual a acumulação se realiza por absorção. Considerada historicamente, a acumulação de capital é o processo de troca de elementos que se realiza entre os modos de produção capitalistas e os não-capitalistas. Sem esses modos a acumulação de capital não pode efetuar-se. Sob esse prisma, ela consiste na mutilação e assimilação dos mesmos, e daí resulta que a acumulação do capital não pode existir sem as formações não-capitalistas, nem permite que estas sobrevivam a seu lado. Somente com a constante destruição progressiva dessas formações é que surgem as condições de existência da acumulação de capital. (Luxemburgo, 1985, p. 285)

Ou, apreende-se aqui, que o desenvolvimento capitalista depende dessas formações não capitalistas (ou de capitalismo menos avançado), de forma que absorverá as mesmas e fará com que elas desapareçam, ou incorporem-se à lógica dos grandes capitais internacionais.

É partir das considerações de Rosa Luxemburgo que David Harvey (2004) desenvolve sua percepção de que os processos de acumulação de capital, carregados de violência, caracterizado por ser um processo de “rapinagem” (como é afirmado pelo próprio Marx), não diz respeito somente ao processo de surgimento do capitalismo, mas sim uma constante desse modo de produção. Por isso, então, o geógrafo defende que o que se observa no capitalismo contemporâneo não pode ser chamado de acumulação primitiva, uma vez que este termo diz respeito a um

processo específico em um contexto histórico específico; a partir disso da nomeação dos processos de desapropriação, ou espoliação.

O que a acumulação por espoliação faz é liberar um conjunto de ativos (incluindo força de trabalho) a custo muito baixo (e, em alguns casos, zero). [...] No caso da acumulação primitiva que Marx descreveu, isso significa tomar, digamos, a terra, cercá-la e expulsar a população residente para criar um proletariado sem terra, transferindo então a terra para a corrente principal privatizada da acumulação do capital. A privatização (da habitação social, das telecomunicações, do transporte, da água etc. na Inglaterra, por exemplo) tem aberto em anos recentes amplos campos a ser apropriados pelo capital sobreacumulado. (Harvey, 2004, p. 124)

Esse capital sobreacumulado ao qual David Harvey refere-se, diz respeito a um capital sobreacumulado que está ocioso e sem uso lucrativo. Isso significa que sem a possibilidade de ser reinserido na lógica de reprodução do capital e sem capacidade de criação de valor Existe a necessidade de buscar o escoamento desse capital. Nesse sentido é que as formas não-capitalistas mencionadas por Rosa Luxemburgo são importantes: elas garantem que esse capital agora seja capaz de gerar lucro. Justamente ela que são o destino para o qual há o escoamento da produção.

Ainda, para Harvey (2004), essa modalidade de acumulação, nesse momento histórico do capitalismo, é marcado por uma forte associação entre Estado e capital privado, principalmente a partir das política econômicas neoliberais impostas pelas organizações internacionais mencionadas no capítulo anterior (Banco Mundial, OMC, FMI, etc).

Esses agentes, representando os interesses dos agentes imperialistas, dos EUA, impõem uma série de medidas políticas, econômicas e culturais, que fazem com que as economias periféricas sejam atraentes sobreacumulado. É a partir disso que ele destina-se aos territórios periféricos. O geógrafo estadunidense, afirma, então, que essas organizações são responsáveis por fortalecer o papel do Estado (enquanto detentor do monopólio do uso da força) na manutenção da mercadificação e a privatização da terra, expulsão violenta de populações camponesas, conversão de direitos em propriedade privada, apropriação de ativos (Harvey, 2004), entre outros. Essa regulamentação estatal é o que permite que “Todas as características da acumulação primitiva que Marx menciona permanecem fortemente presentes na geografia histórica do capitalismo até os nossos dias” (Harvey, 2004, p. 121).

Aqui, então, aproximamo-nos de estabelecer as relações entre o Imperialismo, a modalidade de acumulação por espoliação e o território latino-americano, que serão descritas no capítulo seguinte.

3 O ESCOAMENTO DE CAPITAL: A CHEGADA À AMÉRICA LATINA

Os países desenvolvidos, sobretudo os EUA, viram num contexto de crise, em que um enorme montante de capital se encontrava sobreacumulado e sem possibilidade de reinserção no ciclo de reprodução e ampliação do modo de produção capitalista. Esse capital sobreacumulado encontra-se em diversas formas, podendo ser excedente de produção e/ou mão de obra que não era absorvida nos processos produtivos.

Harvey, então apresenta a ideia de “ajustes espaço-temporais”, que entre as possibilidades de reinserção do excedente de capital no ciclo de acumulação, existe o “imperativo de enviá-los a outras plagas onde possam encontrar novos terrenos para sua realização lucrativa, evitando assim que se desvalorizem” (Harvey, 2004, p. 98). Ou seja, esse capital sobreacumulado é direcionado a outro território.

Esse movimento se entrelaça com uma das características do Imperialismo, apresentadas por Lênin (2021, p. 114), que é “a exportação de capital”. Esse deslocamento de capital de uma região para outra é o que permitirá que ele continue tendo uso lucrativo e atendendo ao fundamento capitalista de sempre buscar a maior taxa de lucro possível. Nesse sentido, é que a América Latina torna-se destino interessante.

No contexto da década de 1990, diversos Estados da América do Sul, Central e Caribe encontravam-se em contextos de efervescência política, econômica e social, sobretudo aqueles que buscavam recuperar-se do assolamento deixado pelos governos ditatoriais que se espalharam pelo continente. Agora, os governos democraticamente eleitos, buscavam assegurar sua soberania e sair da crise deixada pelos militares. Esse foi o caso de Brasil, Argentina, Chile, entre outros, que passaram a ser um alvo dos capitalistas internacionais.

Além disso, o continente latino-americano apresenta-se como um território fértil à exploração capitalista, uma vez que dispõe de fatos importantes à reprodução em larga escala do capital: economia periférica, disponibilidade de recursos minerais-naturais e força de trabalho abundante (Traspadini; Bueno, 2014).

Para promover a superação das crises em que se encontram, uma porção de países recorrem ao crédito internacional, oferecido e controlado pelas organizações internacionais já mencionadas (OMC, FMI, BM, etc), que são controladas pelo

capital internacional, representando os interesses dos grandes monopólios da economia global.

As instituições criadas pelo acordo de Bretton Woods na década de 1940 [...] são outros exemplos de mecanismos criados para renovar a dependência dos países tecnologicamente menos desenvolvidos mundialmente. A guerra de trincheiras, substituída pela guerra em todos os espaços civis, chega, então, no pós-guerra, a mais uma forma de guerra de dominação dos povos: a conexão ao mercado mundial pelo endividamento das economias nacionais periféricas e presença do capital financeiro no espaço econômico nacional, ambos sob a égide do capital monopolista sediado nas economias centrais. (Traspadini; Bueno, 2014)

Observa-se na prática, portanto, o que é defendido por Harvey (2004) e reforçado por Gonçalves e Costa (2020): fator decisivo e específico deste momento histórico do capitalismo imperialista é a associação entre capital privado e intervenção estatal.

Harvey apresenta a tese acima citada, apoiado em Hannah Arendt (1976). A filósofa política alemã afirma que a acumulação de capital está intrinsecamente associada à acumulação de poder, em processos que acontecem de maneira conjunta. Ou seja, é necessário que haja uma estrutura política que garanta o aumento do capital através do aumento do poder.

Como a força é essencialmente apenas um meio para um fim, qualquer comunidade baseada unicamente na força entra em decadência quando atinge a calma da ordem e da estabilidade; sua completa segurança revela que ela é construída sobre a areia. O poder só é capaz de garantir o status quo adquirindo mais poder; só pode permanecer estável ampliando constantemente sua autoridade através do processo de acúmulo de poder. (Arendt, 1976, p. 38)

A partir disso, o *hegemon* que deseja manter sua posição de acumulador interminável de capital (como sugere a própria essência capitalista), precisa produzir constante movimento de expansão de poder.

Esta amálgama formada entre Estado e capital privado decorre, portanto, não de um ato volitivo de governos de países subdesenvolvidos, mas sim da lapidação da ideia de que seguir o caminho determinado por aquelas organizações financeiras controladas por um punhado de capitalistas é o que fará com que esses Estados alcancem os padrões estadunidenses de “desenvolvimento”. Há a conformação, portanto, da ideia de que os EUA são o modelo a ser seguido por todas as nações do globo.

Para que os países latino-americanos tenham acesso ao crédito internacional com a finalidade de aquecer a economia, são impostas algumas agendas políticas e

econômicas que, na realidade, abrem espaço para que esses países sejam, agora, o destino daquele capital sobreacumulado.

Os anos finais do século XX e iniciais do século XXI são marcados pela tomada das economias periféricas pelo neoliberalismo. E o resultado são Estados Nacionais muito mais débeis, com pouca capacidade de autodeterminação e pequena capacidade de intervenção e regulação na esfera do mercado. Isso é consequência direta das políticas neoliberais, que permitem a extração de taxas de lucro exorbitantes na periferia capitalista.

Atender às exigências do capitalismo monopolista e dos monopólios internacionais, infelizmente tem sido a tônica para as economias subdesenvolvidas, a fim de manterem, ainda que em resquícios, suas democracias burguesas.

Neste cenário, o Imperialismo age de distintas maneiras. Para Boron,

as privatizações e desregularização dos serviços públicos de saúde, de educação e de assistência social, para citar apenas os mais importantes, abrem um enorme espaço imaterial que substitui, ainda que somente em parte, a disputa territorial e insufla novos ares ao imperialismo (Boron, 2007, p. 508)

É o caso da privatização de diversos setores estratégicos, como foi o caso da Companhia Vale do Rio Doce (hoje, Vale S.A), privatizada em 1997 no governo Fernando Henrique Cardoso - o auge das privatizações no Estado Brasileiro. Para Rocha (2019), os prejuízos dessa privatização foram inúmeros, desde os ambientais até as mortes causadas em acidentes causados pela mineradora.

É importante que nesse contexto de análise das práticas imperialistas seja possível estabelecer relações entre o campo teórico e a realidade material. São muitos os exemplos e as possibilidades de se enxergar a presença do capital internacional na economia dos países subdesenvolvidos. Serão apresentados a seguir alguns casos que caracterizam os processos de espoliação no continente que apresenta veias abertas (Galeano, 1994).

Como dito anteriormente, as imposições advindas das instituições de crédito internacional são variadas, abrangendo inclusive as reformas educacionais. Exemplo disso é a criação e a implementação do chamado “Novo Ensino Médio”, que é resultado direto de interesses políticos e econômicos de agentes hegemônicos que mantêm o Brasil na atual posição na divisão internacional do trabalho (Andria, 2024). Para a autora, esse processo se dá em razão de o Imperialismo enxergar a educação pública como ferramenta de controle sobre a juventude brasileira,

buscando caminhos para sucateá-la e garantir que a formação dos estudantes represente os interesses de desqualificação da mão de obra.

Outra perspectiva que pode ser utilizada é com relação ao agronegócio brasileiro. Agora financeirizado e controlado pelo capital internacional, observamos que

a produção de valor na América Latina, atrelada a uma crescente ampliação de capital constante na produção de soja, açúcar e outras commodities, faz com que os gigantes capitais monopolistas transnacionais ganhem tanto no que se apropriem de terra e de trabalhos intensa e historicamente precarizados, como na transferência de valor advinda de um poder política sobre a economia e a política dos países que compõem a América Latina. (Traspadini, 2018, p. 3-4)

Para a autora, o modelo agroexportador adotado pelo Brasil, no contexto de neoliberalização das economias, é responsável por demarcar novas formas violentas de apropriação privada de terra, para produção de riqueza baseada na superexploração do trabalho.

Também podemos constatar demasiado grau de violência na produção extrativista e na geopolítica dos minerais. Gonçalves (2016), tratando sobre o capitalismo extrativista, apoia-se em dados do Observatório de Conflictos Mineros de América Latina (OCMAL, 2012). O relatório mostra que o Brasil aparece entre os países com maior quantidade de conflitos envolvendo empreendimentos minerais, junto com Peru, Chile, México e Argentina.

Para que os recursos do território sejam explorados em escalas compatíveis com altas taxas de lucro, populações são expulsas de suas terras, recursos são esgotados do solo, há perda de biodiversidade (Svampa, 2012), fazendo com que os conflitos socioambientais tornem-se cada vez mais frequentes nesses países.

Ainda, podemos tecer análises sobre os processos de espoliação nos territórios latino-americanos a partir da construção feita por Chaves (2018) em sua dissertação analisando a instalação de grandes projetos na região da Volta Grande do Xingu, no estado do Pará. Essa autora faz a defesa de que os processos de incorporação de territórios para a reprodução do modo de produção capitalista se caracteriza como espoliação, uma vez que apresenta processos políticos e econômicos que expulsam moradores, acaba com formas de existência de povos ribeirinhos e promovem destruição do ecossistema. O Estado brasileiro corrobora empresas externas que operam os projetos de instalação de usinas hidrelétricas e colabora com os processos de acumulação capitalista.

Os exemplos apresentados nos parágrafos acima elencam processos que são considerados fenômenos de espoliação, conforme a definição apresentada por Harvey (2004). São caracterizados por fortes processos de separação entre trabalhadores e meio de produção, formas de vida são suprimidas em detrimento do avanço do capital, privatização da terra e de setores fundamentais. Ainda hoje, continuam sendo produzidos trabalhos que evidenciam que o avanço do capital na América Latina e em outras partes do mundo se dá numa lógica semelhante ao “pecado original da economia” (Marx, 1985). Os processos de expropriação estão em curso, são parte da lógica de funcionamento do modo de produção capitalista.

CONCLUSÃO

A partir da abordagem feita nos capítulos desenvolvimento deste trabalho, foi possível tecer algumas reflexões em torno da problemática do Imperialismo, seu modo de operação no decorrer do tempo e sua inserção das economias periféricas, sobretudo, na América Latina.

Ressaltamos, então, a importância do retorno às teorias clássicas para compreensão acerca do Imperialismo capitalista. As análises de Lênin no primeiro quarto do século XX foram fundamentais para compreensão do capitalismo em sua chamada “etapa superior”, caracterizada pela formação de monopólios e o predomínio do capital financeiro.

Para o autor, a principal característica do capitalismo neste seu estágio de desenvolvimento é a união entre capital industrial e capital financeiro. Na ocasião do início do século XX, observa-se uma alteração no papel dos bancos na economia capitalista, que deixam de ser apenas intermediários em transações financeiras e passam a, não só a controlar uma parcela significativa da produção, mas também a adquirir lucros a partir do empréstimo de dinheiro a taxas de lucros exorbitantes.

Ademais, com o avanço da história, as circunstâncias políticas, econômicas e culturais das sociedades se alteram, portanto, os agentes imperialistas também passam por transformação. Na perspectiva dos autores clássicos, a principal força controladora do sistema financeiro e a grande potência industrial era a Inglaterra. Com tudo, a partir do contexto pós 2ª Guerra Mundial, o Imperialismo passa a ser a expressão do imperialismo estadunidense, que intensifica-se após o final da Guerra Fria.

Resgatamos o conceito de acumulação primitiva trabalhada por Karl Marx, ao tratar sobre a passagem do modo de produção feudal para o capitalismo. Naquele contexto, houve a separação entre trabalhadores e seus meios de produção (terras, ferramentas, etc), de modo que a partir daquele momento só poderiam vender sua força de trabalho para obter seu sustento. Apoiada nesse processo é que Rosa Luxemburgo contribui aos estudos sobre o Imperialismo, afirmando que para que o capital continue se reproduzindo em escala crescente, permitindo a realização completa de um ciclo de valorização do capital, é necessário que o capitalismo avance sobre formas não capitalistas. Ou seja, os processos de valorização não podem acontecer apenas internamente do capitalismo.

Apoiado nos teóricos clássicos, o geógrafo estadunidense David Harvey, então, pontua que em realidade, os fenômenos caracterizados por violência ou “rapinagem” (utilizando as palavras do autor) são uma constante no capitalismo; este modo de produção se alimenta e se reproduz a partir da expropriação. Baseado nisso, apresenta a “acumulação por espoliação”, ou, por despossessão.

Entretanto, o capitalismo não é uma estática, portanto está em constante transformação. Ou seja, ao longo do tempo, novos mecanismos e novas ferramentas são desenvolvidas para que sejam encontradas saídas para as suas próprias crises.

Diante das alterações ocorridas no curso da história, elementos políticos, econômicos e sociais devem ser incluídos nessa análise. Exemplo disso são agentes financeiros mundiais, como Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Comércio e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, que contribuem para a promoção de uma financeirização da economia mundial. Ainda, a utilização das ferramentas ideológicas e de comunicação, que contribuem para que seja difundida a ideia de que o modelo político econômico dos EUA seja a força capaz de levar desenvolvimento e paz a todos os povos.

Além disso, os EUA, enquanto agente hegemônico, controlam esses organismos financeiros internacionais. Essas organizações são responsáveis por oferecer crédito às economias periféricas que, em contrapartida, devem atender à diversas agendas que neoliberalizam suas economias. Consequência direta disso é o aprofundamento das desigualdades em seus territórios e a manutenção de sua posição na divisão internacional do trabalho.

As instituições supracitadas atuam de forma que garantam o escoamento de um capital sobreacumulado nos países desenvolvidos. Capital que se encontrava em condição de inviabilidade de ser reinserido na lógica produtiva sem que houvesse prejuízo. A partir disso, os países subdesenvolvidos (neste caso, mais especificamente a América Latina) tornam-se destino para o capital excedente, que pode se encontrar tanto na forma de mercadoria quanto mão de obra não absorvida.

Fundamentados em uma grande associação entre capital privado internacional e poder público, os fenômenos chamados de expropriação ou espoliação são colocados em curso no território latino-americano. Na prática, o que se percebe são processos de privatizações, expropriações de terras, retirada de direito, rebaixamento da força de trabalho, reformas administrativas, educacionais ou

fiscais, etc, que permitem que o capital internacional obtenha taxas de lucros exorbitantes a partir da exploração capitalistas.

Os exemplos apresentados no terceiro capítulo nos permitem concluir a partir da materialidade que a espoliação capitalista se encontra em curso e provoca consequências diretas no dia a dia da classe trabalhadora, em todo o território latinoamericano. Seja através da retirada de direitos, da expulsão de povos tradicionais de suas terras para instalação de grandes projetos ou avanço da fronteira agrícola, seja através das privatizações ou também através da precarização das condições de trabalho, no campo ou na cidade.

Resultado das políticas neoliberais e de financeirização das economias promovidas pelos governos dos capitalismos metropolitanos reside no fato de que os países da América Latina possuem hoje estados nacionais muito mais débeis, com pouca capacidade de autodeterminação e pequena capacidade de intervenção e regulação na esfera do mercado. Isso não é um produto natural, mas sim as consequências destas políticas supracitadas, que permitiram a extração de superlucros da periferia do sistema.

Estabelecer as relações entre o cotidiano vivido pela classe trabalhadora (que sofre diariamente com essa gama de mecanismos desenvolvidos pelo capital para continuar se expandindo e atingindo altíssimas taxas de lucro) com as teorias que tratam sobre o Imperialismo, nos permite identificar à luz da teoria, conforme proposto neste trabalho, os elementos que caracterizam esse estágio do capitalismo. O cenário de fundo para discussão sobre o imperialismo hoje é o que deixa evidente todas as barbaridades promovidas pelo capital ao redor do mundo, sem qualquer preocupação com os limites sociais, ecológicos, jurídicos, ou militares.

Concluimos que é fundamental realizar uma leitura que nos permita unir prática e teoria, de modo a cruzar as relações acadêmicas, técnicas e militantes, promovendo associações entre teoria e política. Não se pode ignorar a divisão do trabalho, muito menos permitir que o mesmo promova essa separação entre o trabalho intelectual e o trabalho prático. O movimento deve ser constante e passar por todas essas esferas.

Precisamos encontrar um ponto cujo horizonte nos permita enxergar as conexões entre economia e cultura e política como cenários que foram produzidos historicamente, em um processo que não se configura como linear e nem

progressivo. Esse processo, culmina na crescente desigualdade, marca fundamental do capitalismo tardio.

À guisa de conclusão, defendemos que o papel da Geografia Crítica não pode ser de apenas identificar as contradições inerentes à sociedade capitalista, mas sempre visar sua superação. Então, apresentamos uma última reflexão, que mais se configura como um convite à luta.

“No basta con denunciar los fenómenos en que se manifiesta la injusticia social ni con dar cuenta de los procesos que la producen; además hay que intervenir en ellos para transformarlos, o al menos para contrarrestar sus efectos. Es la intención de revertir una realidad que somete, domina y explota violentamente a la mayor parte de la sociedad, a la vez que la margina y excluye de la riqueza social producida. La intención ética revolucionaria está constituida por preceptos que comprometen la práctica del presente con la del futuro, y se expresa en la intención transformadora de cualquier ciencia o disciplina científica comprometida éticamente con el presente y el futuro de la sociedad.” (Hernández, 2016, p. 50)

REFERÊNCIAS

ANDRIA, Annebelle Rene. **A ação neoliberal na educação: a construção e implementação do novo ensino médio**. 2024. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro, 2024.

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo: imperialismo, a expansão do poder**. Rio de Janeiro: Documentário, 1976. Tradução de Roberto Raposo.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008. Tradução de Beatriz Medina.

BORON, Atilio. Hegemonía y imperialismo en el sistema internacional. In: CLACSO (CONSEJO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS SOCIALES) (ed.). **Nueva hegemonía mundial: alternativas de cambio y movimientos sociales**. Buenos Aires: Clacso, 2004. p. 71-83. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20100613084303/8boron1.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2025.

BORON, Atilio. A questão do Imperialismo. In: CLACSO (CONSEJO LATINOAMERICANO DE CIÊNCIAS SOCIALES) (ed.). **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. Buenos Aires: Clacso, 2007. p. 501-527. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/14572/1/cap23.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

CHAVES, Kena Azevedo. **Agora o Rio vive seco: populações tradicionais, exceção e espoliação em face da instalação de grandes projetos na Volta Grande do Xingu**. 2018. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro, 2018.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. Tradução de Galeno de Freitas.

GODOY, Paulo. Considerações sobre o Imperialismo na tradição da teoria marxista da geografia. **Revista Tamoios**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 50-66, 23 dez. 2015. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/19919>. Acesso em: 21 out. 2025.

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. Capitalismo extrativista na América Latina e as contradições da mineração em grande escala no Brasil. **Cadernos Prolam/Usp**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 38-55, jul. 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/prolam/article/download/133593/133845/0>. Acesso em: 16 out. 2025.

GONÇALVES, Guilherme Leite; COSTA, Sérgio. **Um porto no capitalismo global: desvendando a acumulação entrelaçada no Rio de Janeiro**. São Paulo: Boitempo, 2020.
HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. Tradução de Berilo Vargas.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. Tradução por Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HERNÁNDEZ, Efraín León. **Geografía crítica: espacio, teoría social y geopolítica**. Ciudad de México: Itaca, 2016.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio de divulgação ao público**. São Paulo: Boitempo, 2021. Tradução: Edições Avante!.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação de capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo; Anticrítica / Rosa Luxemburg**. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os economistas). Traduções de Marijane Vieira Lisboa e Otto Erich Walter Maas.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 10. ed. São Paulo: Difel, 1985. 2 v. Tradução de Reginaldo Sant'anna.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. Tradução de Maria Lucia Como.

ROCHA, Rosely. **O alto preço da privatização da Vale para o Brasil e para os brasileiros**. CUT - Central Única dos Trabalhadores, São Paulo. 2019. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/o-alto-preco-da-privatizacao-da-vale-para-o-brasil-e-para-os-brasileiros-4a7f>. Acesso em: 14 out. 2025.

SVAMPA, Maristella et al (org.). **Movimientos socioambientales en América Latina**. Buenos Aires: Clacso (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), 2012. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/osal/20120927103642/OSAL32.pdf>. Acesso em: 16 out. 2025.

TRASPADINI, Roberta; BUENO, Fábio Marvulle. Lenin e a interpretação do imperialismo nos séculos XX e XXI. **Rebela - Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 186-204, Mai 2014. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/2708>. Acesso em: 14 out. 2025.

TRASPADINI, Roberta Sperandio. A acumulação por espoliação como fundamento do caráter contínuo da transferência de valor do capitalismo dependente para o capitalismo hegemônico. In: **6º ENCONTRO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E 13º ENCONTRO NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL**, 2018. Anais do 6º Encontro Internacional de Política Social e 13º Encontro Nacional de Política Social. Vitória: Periódicos UFES, 2018, p. 1-13.

VESENTINI, José William. **Nova Ordem, imperialismo e geopolítica global**. Campinas: Papirus, 2003.